

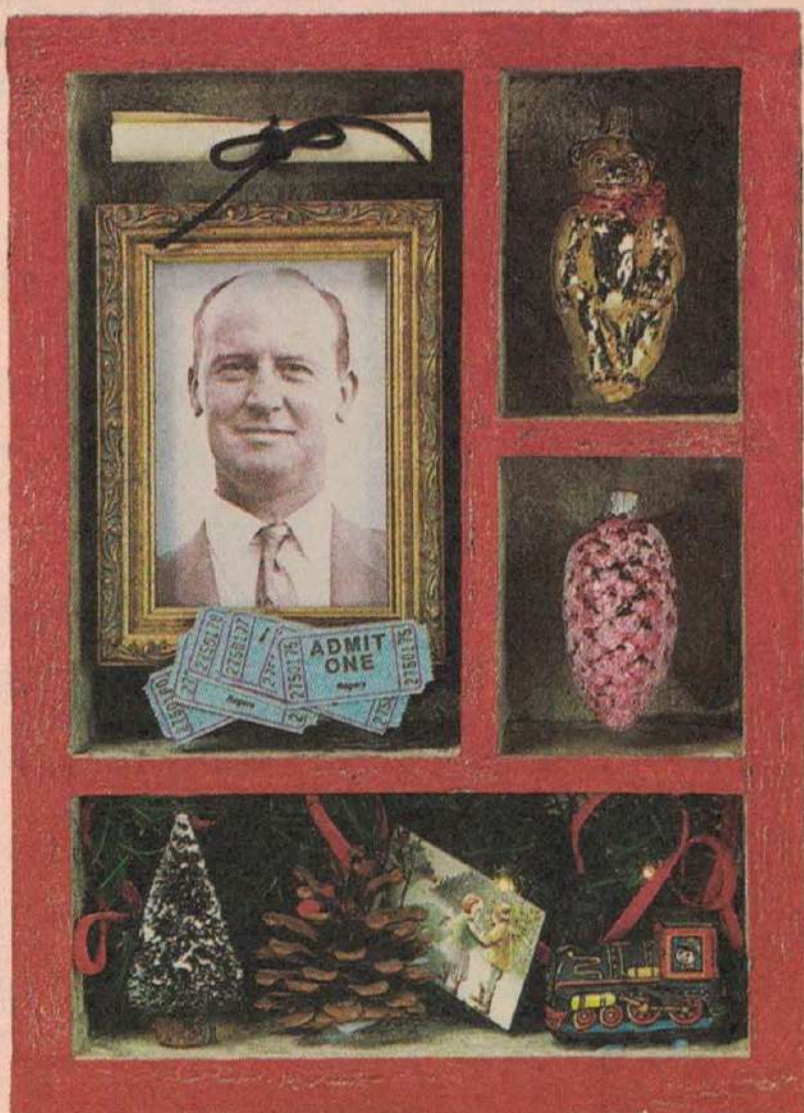
O método perfeito

Meu pai tinha um modo único para decorar a árvore de Natal *Por* THOMAS CAHILL

NÃO POSSO enfeitar a árvore de Natal sem pensar em meu pai, que sempre seguiu um método ao fazê-lo. Para ele havia um modo certo e um errado de fazer tudo. Certas atividades papai não fazia bem – como cantar – e outras, simplesmente não fazia – como desenhar. Essa parte – a artística – ele deixava para “o lado de sua mãe”, os traços herdados de minha família materna, que apareciam, de um modo ou de outro, na maioria dos seis filhos. As manifestações artísticas pareciam intrigá-lo e deixá-lo mudo. Ele não as entendia.

Tanto ele quanto os quatro irmãos (papai era o caçula) eram homens práticos. Como muitas pessoas práticos, não tinham muito a dizer. Minha mãe e as irmãs podiam falar durante horas sobre só Deus sabe o quê, mas meu pai e os irmãos raramente se comunicavam entre si, ou com os outros.

Não era o fato de serem homens que os tornava taciturnos, eu sabia disso. A mãe deles, minha avó, tam-



O método de papai– Era bom para andar de bicicleta, jogar golfe e enfeitar árvores.

pouco tinha muito a dizer. Certa vez, numa festa de aniversário de uma de minhas irmãs, as chamas das velas do bolo de aniversário passaram para a toalha de mesa de papel. Vovó, calada como sempre, o

corpo volumoso envolto no eterno preto, levantou-se da cadeira com a velocidade de uma atleta olímpica e apagou aquelas chamas com sua bolsa preta, pesada como um tijolo. Bam, bam! Minha mãe voltou da cozinha e encontrou o bolo esmagado e uma dúzia de meninas aos prantos.

“Houve um incêndio”, explicou vovó, voltando a seu lugar e a seu silêncio monumental. Prática. Não exatamente graciosa, mas prática.

Meu pai era o único dos irmãos que poderia ser considerado um cavalheiro. Era durão, sim, e estava sempre pronto para qualquer eventualidade. Mas se vestia num estilo mais sóbrio, movia-se mais serenamente, falava com mais sonoridade do que eles.

Tinha até seu lado brincalhão, embora só o demonstrasse dentro do círculo familiar. Havia noites – raras, é verdade – em que nos fazia dar gargalhadas na cama ao aparecer fantasiado com um avental amarrado na cintura e um pano de prato em volta da cabeça – o tipo de babá solteirona que toda criança teme. Creio que tinha muito em comum com mulheres de quem ele não gostava – uma freira de um passado distante, velhotas contemporâneas de sua mãe, uma ou outra cunhada. Então nos dava um beijo muito molhado e efusivo na boche-

cha, ao que reagíamos com contorções e gritos estridentes.

De vez em quando ele nos levava para assistir a um filme novo, o que significava um passeio de táxi. Os motoristas de táxi e outros trabalhadores eram devidamente tratados por “chefe”. Éramos tantos para minha mãe alimentar e vestir antes de sairmos que, invariavelmente, quando chegávamos a fila já estava imensa.

“Ah, papai”, dizíamos, “desta vez não vamos conseguir entrar.” Mas papai virava o rosto de feições bem-fei-

tas para alguma senhora que lhe parecia vulnerável na frente da fila, piscava para ela e levantava alguns dedos – quatro ou cinco, o número de ingressos de que precisasse. Inevitavelmente, a senhora escolhida comprava os ingressos, vinha trocá-los pelo dinheiro e recebia o sorriso cortês e o cumprimento com o

chapéu. Sempre parecia satisfeita.

A um observador desatento, isso poderia parecer uma simples demonstração do charme irlandês, mas para meu pai era uma estratégia consciente – e ele gostava sempre de explicar seu método para escolher a mulher certa na fila.

Ele tinha método para tudo. Para assistir a jogos e desfiles. Tinha um método para andar de bicicleta – um bom método, que me ensinou, embora ele mesmo nunca tivesse andado de bicicleta. Tinha um método para

Papai sempre gostava de explicar seu método para escolher a mulher certa na fila do cinema.

jogar golfe, para fazer panquecas, para misturar o tempero da salada, trincar o peru, e até um método para controlar a conta bancária – o qual minha mãe jamais conseguiu entender, por mais que ele lhe explicasse.

Nós, crianças, notamos que não éramos só nós que lhe pedíamos ajuda. Quando os adultos se metiam em encrenca, recorriam a papai. Ele estava sempre ajudando parentes mais introvertidos e histéricos a entrar e sair de carros, hospitais, hospícios, capelas funerárias e a se livrar de questões com a Receita Federal.

Minha história favorita é a que ele me contou sobre o Natal de 1940, o meu primeiro Natal. Ele tivera de trabalhar até a noite, na véspera de Natal, e voltava para casa com sua bem merecida bonificação, parando a fim de comprar uma árvore de Natal. Quando chegou ao local onde as árvores eram vendidas, porém, só restava uma, que já estava sendo comprada por uma senhora corpulenta e autoritária.

Ela não queria pagar o preço integral porque, na verdade, não desejava uma árvore tão grande. Papai prontamente se meteu no negócio, oferecendo-se para pagar a metade e dividir a árvore com a senhora. Perfeito, concordou a mulher, desde que ela ficasse com a parte mais cheia, a de baixo.

Juntos, compraram a árvore, que

meu pai levou até a garagem dela, onde o marido serrou a árvore pela metade. No momento em que o tronco se dividiu em dois, meu pai pegou a metade superior – uma arvorezinha perfeita –, desejou feliz Natal ao casal e partiu. Ao dobrar a esquina, olhou para trás e viu os dois examinando o arbusto estranho e rombudo pelo qual a mulher tanto insistira.

Mary, minha segunda irmã e quarta da prole de meus pais, nasceu no dia 23 de dezembro de 1948. Como minha mãe não poderia estar em casa na véspera do Natal, coube a mim substituí-la na hora em que, depois de as crianças irem para a cama, a árvore seria enfeitada e os presentes arrumados.

Antes de ir para a maternidade, ela aconselhou-me a agir como gente grande e ser prestativo em meu novo papel, mas eu, já com quase 9 anos, não precisava que me encorajassem. A sensação de ser adulto, podendo ficar acordado até tarde, era um prazer além do alcance de pobres mortais.

O que recordo daquela noite não são os presentes arrumados para meus irmãos, dormindo inocentes no quarto. Também não me lembro do que Papai Noel deixou para que eu abrisse de manhã. Recordo-me, sim, da tranquilidade e alegria de trabalhar aquela noite com meu pai.

A grande tarefa era enfeitar a ár-

*O que recordo
daquela véspera
de Natal é a
tranqüilidade, a
alegria de
trabalhar ao lado
de meu pai.*

vore – e, naturalmente, para isso ele tinha um método. Primeiro, as lâmpadas, cuidadosamente fixadas nos galhos, para que os fios não aparecessem e as luzes não fossem evidentes, mas difusas e misteriosas. Depois vinham os enfeites; e, por último, os fios dourados, pendurados um a um, e não jogados em bolos, como faziam os pais impacientes e de mau gosto. Aos poucos, enquanto trabalhávamos juntos, a árvore foi assumindo seu esplendor anual, que no dia seguinte assombraria meus irmãos.

Muitos anos depois soube que em sua infância meu pai nunca tivera uma árvore de Natal. Seus pais eram imigrantes e o pai morreu num acidente na construção de uma estrada, quando meu pai, Patrick, tinha apenas algumas semanas de vida. Minha avó silenciosa começou a lavar roupa para fora, foi várias vezes ameaçada de despejo e, certo dia, em desespero, chegou a internar os irmãos mais velhos de meu pai num orfanato. Mas voltou para buscá-los no mesmo dia, e desde então foram sobrevivendo.

Meu pai, que ficou meio surdo em decorrência de uma doença infantil, era considerado burro pelos professores. Escapou de ser expulso do colégio graças a uma freira bondosa e

sensível que lhe deu aulas para conseguir uma bolsa de estudos para o 2º Grau – aulas que acabariam por torná-lo o único membro da família com diploma universitário. Mas ele lutou contra a surdez a vida toda.

Certa vez, durante uma crise em minha vida, contou-me que tudo que desejara na vida fora ser pai. Não sei bem, mas talvez esse desejo ardente tenha orientado suas habilidades, como um ímã conduz a lima-lha de ferro, de modo que ele pudesse realizar tarefas para as quais não tinha modelos nem preparo.

Quase 50 anos transcorreram desde aquele Natal em que enfeitamos a árvore juntos, e no ano passado meu pai nos deixou. Durante muitos anos enfeitei árvores de Natal para meus filhos e, depois, ensinei-lhes essa arte. Olhando para trás, o método de meu pai parece uma verdadeira arte, começando com o ritual e a dedicação, e terminando num grande símbolo, erguido entre nós, de nossa relação misteriosa uns com os outros – pai e filho, irmão e irmã, marido e mulher, amigo e amigo, geração após geração. Para mim, esse ritual anual é uma espécie de prova do esplendor e da dolorosa beleza do próprio universo.

TÉCNICA TRADICIONAL



Num restaurante, ouvi uma jovem dizer ao garçom que lhe servia um cálice de vinho:

– Espero que não tenha aberto a garrafa só para mim.

– Madame – respondeu ele. – Eu não conheço outra maneira de tirar o vinho.

–RUTH KUSS, Austrália